

CINEMATECA PORTUGUESA–MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA: GAY GIRLS RIDING CLUB
21 e 23 de setembro de 2022

WHAT EVER HAPPENED TO BABY JANE? / 1962 (*Que Teria Acontecido a Baby Jane?*)

um filme de Robert Aldrich

Realização: Robert Aldrich / **Argumento:** Lukas Heller, segundo o romance de Henry Farrell / **Fotografia:** Ernert Haller / **Música:** Frank De Vol / **Montagem:** Michael Luciano / **Direção Artística:** William Glasgow / **Figurinos:** Norma Koch / **Intérpretes:** Bette Davis (Jane Hudson), Joan Crawford (Blanche Hudson), Victor Buono (Edwin Flagg), Wesley Addy (Marty, realizador), Julie Allred (Baby Jane Hudson, em 1917), Anne Barton (Cora Hudson), Marjorie Bennett (Mrs. Dehlia Flag), Bert Freed (Bem Golden, produtor), Anna Lee (Mrs. Bates), Maidie Norman (Elvira Stitt), Dave Willock (Ray Hudson), Gina Gillespie (Blanche Hudson, em 1917), etc.

Produção: Robert Aldrich / **Cópia:** 35mm, preto e branco, legendada em espanhol e eletronicamente em português, 134 minutos / **Estreia Mundial:** Novembro de 1962 / **Estreia em Portugal:** Éden, em 21 de Fevereiro de 1964.

What Ever Happened To Baby Jane? ocupa um lugar especial na carreira dos seus principais intervenientes, o realizador e as duas atrizes. Para todos ele representa o regresso ao sucesso público após um mais ou menos longo período de “apagamento”.

Robert Aldrich foi um dos directores americanos mais celebrados pela crítica francesa até meados da década de 50, chegando a ser apontado como o “símbolo do cinema americano do pós-guerra”. Filmes como **Apache/O Último Apache**, **Vera Cruz**, **Kiss Me Deadly/O Beijo Fatal** e **The Big Knife/No Reino da Calúnia** estão na base dos encómios e dos aplausos. Mas a partir de **Autumn Leaves/Folhas de Outono** a crítica tornou-se mais severa e Aldrich perdeu o “estado de graça”. Quanto à bilheteira, a derrocada foi maior, levando-o a tentar a sorte pela Europa fora, numa série de filmes que culminou com **Sodom and Gomorrah/Sodoma e Gomorra**, que lhe deixou péssimas recordações nas relações com os produtores. Para **What Ever Happened...** Aldrich tornou-se o seu próprio produtor para evitar mais interferências, e o sucesso (de bilheteira) permitiu-lhe continuar assim até aos desastres de **The Killing of Sister George/Três Mulheres na Intimidade** e **The Legend of Lylah Clare/A Lenda de Uma Estrela**, que, em 1968, o colocaram de novo na mó de baixo.

Para Bette Davis e Joan Crawford (cuja rivalidade foi habilmente explorada pela publicidade do filme) a década de 50 correspondeu mais ou menos a uma travessia do deserto, mesmo que cada uma delas tenha ali um dos mais belos papéis das suas carreiras, **All About Eve/Eva**, para Bette, **Johnny Guitar**, para Joan. Mas a época de “ouro” dos estúdios passara e as duas atrizes, como outras da mesma “geração” vão sendo paulatinamente postas à margem. Em 1956, Joan casa com o presidente da Pepsi Cola e abandona o cinema, até enviuvar em 1959, regressando nesse ano, sem grande sucesso, em **The Best of Everything/O Amor É Tudo na Vida**, num papel que era quase uma espécie de “cameo”, como os de Bette de novo na figura da rainha Elizabeth em **The Virgin Queen/Rainha Virgem** ou como Catarina da Rússia em **John Paul Jones/O Capitão Paul Jones**. Mesmo **Pocketfull of Miracles/Milagre Por Um Dia** (onde Capra refazia o seu velho sucesso de **Lady For a Day**) fora um “flop”.

Em 1962 apareceu um anúncio na "Variety" que dizia o seguinte: "Mãe de três filhos, divorciada, de nacionalidade americana, com trinta anos de experiência como atriz de cinema, ainda ágil e mais amável do que pretende o rumor público, procura emprego estável em Hollywood. Já conhece a Broadway. Numerosas referências. Assinado: Bette Davis". Não se tratava de uma brincadeira. Bette (como Joan) estava praticamente "esquecida" dos produtores americanos e o público reconhecia-as apenas pela passagem dos seus velhos filmes na televisão (**What Ever Happened To Baby Jane?** explora também esta relação do público "moderno" com as vedetas do passado, entre o desconhecimento (os empregados do banco e os do bar na praia) em relação a Baby Jane e a evocação saudosista de outros (a personagem de Anna Lee e a filha), face à passagem de um velho filme de Blanche no pequeno ecrã, onde Aldrich aproveita para denunciar a forma como os filmes passam ali, constantemente cortados pela publicidade, com um "anúncio" que aparece, à distância, como um "raccord" para outro anúncio semelhante, que forma a cena mais terrível de **The Legend of Lylah Clare**). Aldrich aproveitou a oportunidade e acenou-lhe com um contrato. Bette, desejosa de trabalhar, aceitou um salário reduzido (25.000 dólares), acrescido de uma percentagem nos lucros. Graças ao sucesso do filme a atriz viu a conta bancária crescer mais de um milhão.

Se referimos esta "anedota" é porque **What Ever Happened To Baby Jane?** parece ser, parcialmente, uma ilustração dela, e desconfio que algumas mudanças introduzidas por Aldrich no argumento, após ter garantidas as duas atrizes, têm em conta as suas "rivalidades" e o percurso das respectivas carreiras. As conversas carregadas de veneno de Baby Jane (Bette) com Blanche (Joan) e as cenas do pré-genérico passadas em Hollywood, são, desde logo, as que melhor justificam esta perspectiva. No primeiro caso a cena mais sugestiva é a do diálogo entre as duas quando Blanche está a ver o seu filme na televisão e é interrompida azedamente por Jane com quem discute os tempos de Hollywood. Jane lembra-lhe que o estúdio promovia Blanche e a esqueciam. Recordando as carreiras de ambas na década referida, a de 30, encontramos uma Joan Crawford triunfante na MGM enquanto Bette Davis se desunhava para conseguir um bom papel na Warner, apesar dos Óscares ganhos, e durante anos foi vista também como "poison" de bilheteira, tal como Katharine Hepburn. No segundo caso, Aldrich vai buscar autênticos filmes das atrizes feitos naquela década para ilustrar as carreiras de Blanche e Jane: **Sadie McKee/Uma Mulher que Venceu**, de Clarence Brown, com Jane Crawford, e na sequência pré-genérico com o produtor e realizador na sala privada de projecção, mostram-se duas cenas de dois filmes diferentes com Bette Davis (aqui ligados como se se tratasse de um só): **Parachute Jumper/Em Plenas Nuvens**, de Alfred E. Green, e **Ex-Lady**, de Robert Florey, para ilustrar a "incompetência" de Jane (uma das muitas manifestações de "sadismo" de Aldrich ao longo deste filme). Mais sugestiva ainda é a cena em que Jane Hudson se dirige ao jornal para por um anúncio procurando um pianista para o seu sonhado "comeback", que Aldrich deve ter ido buscar ao gesto desassombrado de Bette Davis a que nos referimos atrás. "Comeback" que se verificou, de facto, para as atrizes, que durante algum tempo mais reconquistaram os favores do público.

Com a colaboração do director de fotografia Ernert Haller, Aldrich dá ao filme uma tonalidade sombria explorando os contrastes luz e sombra, claro e escuro, antíteses que correspondem também às personagens, com as cores sombrias para Blanche (a roupa, o quarto fechado) e claras para Jane (também a anacrónica forma de se vestir). Mas o significado desses tons é ambíguo, conforme o final nos revela, no diálogo, na praia em que Blanche confessa ser a verdadeira responsável pelo acidente que a paralisou e que deixou Jane ficar com as culpas (inconsciente como estava devido à bebida). Este percurso para a "revelação" tem correspondência no estilo e na fotografia com a utilização cada vez maior dos exteriores e da luz, culminando na cena final na praia.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico